

Uma comunidade amazônica: a re-tradução de uma cultura

Klondy Lúcia de Oliveira Agra*

Índice

| | |
|--|----|
| 1 Sentidos do Tradutor e sua Influência: uma oportunidade a reavaliação | 2 |
| 2 Considerações finais | 12 |
| 3 Referências Bibliográficas | 13 |

Algumas leituras de obras sobre a região amazônica brasileira e a suas respectivas traduções, nos sugerem, muitas vezes, que autores estrangeiros lêem contextos e cenários amazônicos e, por não terem sentidos culturalmente construído nas comunidades pesquisadas, “vendem” ao mundo uma realidade baseada em pontos de vista contraditórios e “errôneos”. Neste estudo, importamos analisar como tais trabalhos vêm sendo traduzidos para o português brasileiro e com esse objetivo, analisa-se a tradução da segunda edição de *Amazon Town*, publicada em 1976 na língua inglesa, pela Oxford Uni-

*Mestra em Lingüística, pesquisadora do Núcleo de Estudos Canadenses e professora da UNIRON. Este artigo apresenta resultados obtidos com a dissertação de Mestrado “Tradução e Representação da Amazônia - uma análise da obra de Charles Wagley, *Amazon Town*, e de sua tradução para o português brasileiro apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Rondônia- Campus de Guajará Mirim, sob orientação do Prof. Dr. Miguel Nenevé.

versity Press. Optou-se pela segunda edição nesta análise, por ter sido nela incluído capítulo mais recente, resultado da pesquisa de Darrel L. Miller, estudante de pós-graduação da Universidade da Flórida que, após reestudar Itá, a comunidade amazônica já pesquisada por seu professor Charles Wagley, analisou, juntamente com ele, a primeira edição de *Amazon Town* e a obra do brasileiro Eduardo Galvão¹, *Santos e Visagens*, que apresenta estudos sobre a religião da mesma comunidade. Desse estudo resultou, além de um novo capítulo à segunda edição, um novo prefácio e a retirada de um epílogo, que segundo o autor, perdeu a validade. Essa segunda edição foi traduzida para o português brasileiro por Clotilde da Silva Costa e publicada em 1977, com o título *Uma Comunidade Amazônica*, pela Companhia Editora Nacional. A tradução do prefácio à segunda edição e do último capítulo, escrito por Darrel Miller, é um trabalho de Mécio Pereira Gomes, antropólogo brasileiro que, na época, já convivia com a cultura norte-americana, aparentemente, com sentidos construídos em ambas as culturas, brasileira e norte-americana e que, por esse motivo, julgou-se importante à pesquisa.

¹O brasileiro Eduardo Galvão foi o primeiro aluno doutoral de Wagley.

1 Sentidos do Tradutor e sua Influência: uma oportunidade a reavaliação

Para melhor fundamentação da análise em questão, levou-se em conta a necessidade de conhecer o tradutor e sua cultura, pois, assim como alguns teóricos da tradução afirmam que para conhecer a obra é necessário conhecer alguns dados biográficos do autor, críticos da tradução também afirmam ser relevante que se conheça a biografia do tradutor para melhor analisar seu trabalho. Desse modo, neste estudo que verifica na tradução sentidos culturalmente construídos e sua influência, julgaram-se imprescindíveis tais conhecimentos. Por isso, procurou-se obter dados biográficos de ambos os tradutores: Clotilde da Silva Costa e Mércio Pereira Gomes. Sobre Clotilde da Silva Costa, mesmo com recursos da informática disponíveis, não foi possível encontrar informações biográficas que esclarecessem pontos sobre sua nacionalidade, sua formação ou qualquer outro elemento à pesquisa, impossibilitando, portanto, a verificação da influência de seus sentidos culturalmente construídos em seu trabalho de tradução, suas representações e seus pontos de vista sobre a Amazônia brasileira. Sobre Mércio Pereira Gomes, sabe-se que é antropólogo, brasileiro, natural de Currais Novos (RN), nascido em 1951 e que, ainda muito jovem, com somente 24 anos de idade, iniciou sua pesquisa sobre os Tenehara (autodenominação dos índios conhecidos como Guajajara no Maranhão e Tembé no Pará) em julho de 1975 na aldeia de Bacurizinho, onde permaneceu quatro meses, convivendo também com a vizinha aldeia Ipu, ambas próximas às cabeceiras do rio

Mearim. Nos dois últimos meses do mesmo ano visitou as aldeias do trecho inferior do rio Pindaré, as dispostas entre os altos cursos de seus afluentes Buriticupu e Zutuia e as próximas do ponto em que o rio Corda entra no Mearim. Também gastou duas semanas a subir o rio Turiaçu, onde conheceu os Guajá e os Ka'apor. Em janeiro do ano seguinte já estava nos Estados Unidos, onde redigiu sua tese *The Ethnic Survival of the Tenetehara Indians of Maranhão, Brazil*, que defendeu na Universidade da Flórida em 1977.

A tese de Mércio Gomes sobre os Tenehara não se fundamenta apenas no trabalho de campo, pois grande parte dela é dedicada ao exame do desenvolvimento, ao longo do tempo (do século XVII ao XX), das relações desses índios com a sociedade que se vem formando a partir da conquista europeia, o que se supõe, exigiu uma dedicada pesquisa documental. Gomes recorreu à documentação escrita desde as leis e textos administrativos do período colonial até os dos arquivos dos postos e da sede do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Envolvendo as crônicas de missionários capuchinhos, de jesuítas, de naturalistas e de outros viajantes até livros e artigos de antropólogos do século XX. Sabe-se ainda que, em sua tese, Mércio Gomes se valeu das anotações de campo de Charles Wagley, orientador dessa sua pesquisa, e das anotações de Eduardo Galvão, autores do clássico *Os índios Tenetehara. Uma cultura em transição* (1961, tradução do original em inglês de 1949), baseado em pesquisa realizada na década de 1940.

1.1 A tradução de Clotilde Costa

Na análise da tradução de Costa, que podemos chamar de uma “re-tradução da cultura amazônica”, observa-se que a tradutora em questão acompanha o escritor em sua visão colonizadora, ou seja, Costa traduz Wagley sem qualquer nota de rodapé que desfaga suas contradições. Em uma tradução quase que literal, fiel ao autor, Clotilde Costa demonstra sentidos imperialistas, aparentemente, um pouco mais aguçados do que os sentidos do autor. Tais sentidos ficam claros ao leitor, à medida que se observa a escolha das palavras no processo, ou seja, a busca da equivalência significativa pela tradutora à sua tradução:

“SESP was first conceived as a wartime measure, and one of its principal programs was to provide medical protection to the producers of strategic raw materials - the rubber gatherers in the Amazon Valley, the migrants from the drought-stricken northeast who were moving into the Amazon to collect rubber, and the mica and quartz miners in the mountains of central Brazil. Since so many of these people lived in the backlands, a social anthropologist with experience and knowledge of these Brazilian hinterlands could be useful to the program.” (Wagley, 1976: xv) (Grifo meu)

[O SESP foi concebido, a princípio, como uma medida de guerra e um de seus principais programas era fornecer assistência médica aos produtores de matérias-primas estratégicas - os seringueiros do Vale Amazônico, os emigrantes das zonas do Nordeste devastadas pelas secas que demandavam o Amazonas

para extrair a borracha, e os mineiros da mica e quartzo das regiões montanhosas do Brasil central. Vivendo, **a maioria dessa gente**, no interior, um antropólogo social, com grande experiência e conhecimento do sertão brasileiro, seria de grande utilidade para o serviço.] (Wagley, 1977: 14) (Grifo meu)

Ainda na tradução do prefácio, como mostra a menção acima, observa-se a utilização da expressão “a maioria dessa gente” ao traduzir “*many of these people*”. Para dar uma equivalência ao termo, utilizando o dicionário, a tradutora poderia empregar outros termos, com menos conotação pejorativa à audiência brasileira, alvo de sua tradução. Tais como: a maioria dessas pessoas ou a maioria desse povo.

Ao referir-se à conotação pejorativa, recorre-se a Bakhtin (1999) e sua teoria sobre a apreciação e a significação e ao fato que o acento apreciativo não é um traço secundário, é essencial para a determinação da significação do que se diz, ou seja, é um traço primário na especialização do sentido. Segundo Bakhtin (1999:32) este é o nível mais óbvio e ao mesmo tempo mais superficial da apreciação social contida na palavra, é transmitido através da entoação expressiva e essa entoação é determinada pela situação social imediata em cujo quadro se desenvolve a conversa. Em várias regiões brasileiras, em situações em que pessoas encontram-se com pontos de vista contraditórios, a palavra “gente” é utilizada com acento de valor apreciativo, que pela entoação, entende-se uma conotação pejorativa. As expressões *a gente dessa terra, essa gente..., que gente!* etc. têm conotação pejorativa em todo o interior do Brasil. Tal fato se deve ao que Souza

(1991) chama de emprego de expressões ou cognomes que traduzem conceitos a serviço do colonizador. Expressões que vieram com o colonizador e perpetuam-se pelo discurso do colonizado. A utilização da palavra *gente* pelo colonizador parece ser uma tentativa de generalizar e assim despersonalizar o colonizado.

Costa, numa demonstração que não pode fugir dos sentidos colonialistas, insiste em traduzir “people” por “gente” em todo o corpo de sua produção, utilizando o termo sempre ao referir-se às pessoas que vivem na comunidade amazônica.

“It is commonly said in Itá that every part of the manioc tuber is used. Even the peelings are fed to the chickens. [...] Every evening in Itá people may be seen moving out into the river in their canoe for a few hours fishing, and some men fish late into the night with fish lines.” (Wagley, 1976: 65 - 74)

[Diz a **gente de Itá** que se aproveita até a menor partícula do tubérculo e que mesmo as cascas servem de alimento para as galinhas.] [...] [Todas as tardes pode-se observar a **gente de Itá** percorrendo o rio, para baixo e para cima em suas canoas, para pescar durante algumas horas, e os homens ficam às vezes lançando as linhas até tarde da noite.] (Wagley, 1977: 80 - 88)

Nessa tradução de Clotilde Costa, aparentemente, não há envolvimento cultural da tradutora com a cultura de sua audiência. Pois, ao invés desta tradutora selecionar alternativas translatórias com vistas à cultura alvo,

ela volta-se à cultura imperialista, selecionando alternativas ambíguas e cheias de conotação ao público alvo.

*“The people of Itá have their own categories by which they classify their fellow citizens as to physical type. [...] And, as will become apparent, socio-economic differences are greatest between the **First Class** and the three lower strata. Among the **Second Class**, the farmer and the Island collectors, the lines of social discrimination are not clearly drawn; ...”* (Grifo meu) (Wagley, 1976: 104 -105)

[A gente de Itá estabeleceu suas próprias categorias em que classificam os concidadãos quanto ao tipo físico.] [...] E, como se tornará claro, as diferenças sócio-econômicas são maiores entre a **Gente de Primeira** e as outras três camadas inferiores. Entre a **Gente de Segunda**, os lavradores e os seringueiros da ilha, os limites de discriminação social não são tão claramente definidos...] (Grifo meu) (Wagley, 1977: 116 - 117)

Assim, com sentidos aparentemente construídos em uma cultura estrangeira à cultura descrita por Wagley, Costa verte seu texto para a cultura colonizadora, não só apropriando-se do texto em inglês, mas transportando-o a outra língua com pontos de vista colonizadores. Desse modo, supostamente, por não possuir sentidos construídos na cultura brasileira, ou por não querer exibi-los à sua audiência, Costa deixa de reavaliar o texto e não esclarece (com notas de rodapé) fatores que poderiam vir a causar problemas à audiência receptora. Ao

contrário, retira expressões do texto em inglês e os traduz repletos de sentidos imperialistas. A fidelidade ao autor é correta e necessária, no entanto, essa tradutora reforça o discurso colonialista, no ato da tradução, mesmo em passagens em que o discurso não se apresenta como necessariamente colonialista, como nos primeiros exemplos referentes à tradução de *people* por gente. Fiel ao autor, aparentemente, com sentidos imperialistas, sugere soluções à cultura colonizada que julga incapaz e sem recursos necessários para progredir por si só:

“It is inevitable that change will and should come to the Amazon region and other similar areas. [...] Yet when a culture, through lack of technological equipment and for reasons of social organization, fails to provide for the material needs of man beyond a mere survival level, that society and culture must be judged inferior. [...] Change in order in such technologically inferior societies.” (In Wagley; 1976: 295)

[As transformações deverão chegar, e inevitavelmente chegarão, à região amazônica e outras áreas semelhantes. [...] Entretanto, quando uma cultura, em vista da falta de equipamento técnico e por motivos de organização social, deixa de prover às necessidades materiais do homem, além do mínimo indispensável à sua subsistência, essa cultura e essa sociedade terão que ser consideradas inferiores. [...] A transformação é indicada nessas sociedades tecnicamente inferiores.] (In Wagley, 1977: 284)

Reconhece-se, então, neste trabalho de tradução, além de uma visão imperialista, sentidos supostamente construídos na cultura colonizadora. A tradutora não utiliza a reavaliação e não procura esclarecer, por meio de notas de rodapé, ao seu leitor sobre os equívocos do autor que aparecem em todo o corpo da obra.

“There is an often repeat saying in Brazil: “Believe in the Virgin and run”; in other words, one should not rely upon faith alone.” (In: Wagley, 1976:254)

[Há um ditado corrente no Brasil: “Fé na Virgem e pé na estrada”. Em outras palavras, ninguém deve confiar unicamente na fé.] (In: Wagley, 1977: 247).

Observa-se, no extrato acima, que o autor refere-se a uma variação regional do ditado popular brasileiro *Fé em Deus e pé na tábuca*. Ditado conhecido e fartamente utilizado em todas as regiões do Brasil. Expressão com sentido de incentivo: *Com fé, vá em frente!* Compreendida e divulgada com sentidos construídos em cultura estrangeira, “vende” ao mundo a elocução como sinal de pouca fé, não só do homem amazônico, mas também, a generaliza a todo o povo brasileiro. Aí, observa-se nitidamente, a pouca vontade de Costa em esclarecer tal equívoco, ao não acrescentar nota esclarecedora e traduzir com os mesmos sentidos do autor, ela dá voz e fortalece a visão imperialista..

Desse modo, em toda a análise do texto de Clotilde da Silva Costa, reconhece-se sentidos construídos na cultura estrangeira, o que demonstra “fidelidade” somente à fonte, sem nenhuma postura crítica, ou seja, uma tradução literal que se preocupa em traduzir pa-

lavras, sem levar em conta a interculturalidade, com sentidos voltados à audiência estrangeira e não à sua audiência, a audiência brasileira.

1.2 A tradução de Mércio Gomes

Através dos dados biográficos obtidos sobre Mércio Gomes, sabe-se que, ao traduzir o prefácio e o capítulo da obra de Charles Wagley, esse tradutor, apesar de muito jovem, já convivía com a cultura norte-americana e, aparentemente, já possuía sentidos culturalmente construídos em ambas as culturas, brasileira e norte-americana, fato que, à primeira vista, oferece à pesquisa um interessante material a ser observado.

Assim como se observa a respeito de seu orientador e autor do objeto desta pesquisa, Charles Wagley, nota-se pelos dados biográficos de Mércio Pereira Gomes que, embora o tradutor não seja natural da Amazônia, ao interessar-se pela pesquisa com índios da região, procurou envolver-se com a cultura pesquisada. Através de leituras e da estada entre indígenas, deve ter, supostamente, construído sentidos na cultura amazônica. Segundo teóricos, tais como Bakthin (1999) e Raccah (2002), entre outros, tais sentidos são os condutores à compreensão, que permite ao tradutor especializá-los em um contexto e revelá-los à sua audiência. Assim, observando que a obra analisada é uma re-tradução da Amazônia e que tal processo é feito por um brasileiro, verifica-se a possibilidade da reavaliação, o interesse em atender sua audiência, a presença ou não de preconceitos e outros itens interessantes à pesquisa.

A análise do trabalho de Mércio Pereira Gomes apresenta, no entanto, à primeira vista, uma aparente despreocupação com a

interculturalidade. Essa despreocupação é demonstrada através da “fidelidade” ao texto em inglês que se faz presente na totalidade da tradução de Mércio Gomes, tanto no prefácio de Charles Wagley, como no capítulo de Darel Miller. A fidelidade, sem nenhuma postura crítica, demonstra, também, a não preocupação do tradutor com a reavaliação, ou seja, com a re-tradução dos sentidos colonizadores do autor a sentidos descolonizadores.

De acordo com Bassnett e Trivedi (1999), a re-tradução, assim como a tradução, dá oportunidade ao tradutor à reavaliação da visão imperialista do autor e, por conseguinte, oportunidade para desfazer ou esclarecer contradições. Sobre a re-tradução com vistas à reavaliação Bassnett e Trivedi (1999:5) comentam: *“Teóricos pós-coloniais estão, cada vez mais, voltando a atenção a traduções e revendo os termos: apropriação e reavaliação”*² [Minha tradução] A tradução, através da apropriação, de acordo com tais teóricos, é mais uma forma de perpetuar o processo de colonização, enquanto que a reavaliação permite a renegociação, a exploração de um terceiro espaço, a interculturalidade. É esse terceiro espaço, segundo eles, que permite ao tradutor iludir a política de polaridade e emergir como o outro em nossos próprios espaços. De acordo com esses teóricos pós-coloniais, é na tradução de obras com vestígios colonialistas, como neste trabalho de Mércio Gomes, que é possível mostrar toda a força do leitor e agir livremente como um escritor, modificando ou esclarecendo à sua audiência pontos imperia-

²*Post-colonial theorists are increasingly turning to translations and both reappropriating and reassessing the term itself.* (Bassnett e Trivedi, 1999:5)

listas. Pois, a tradução, como já se observou em outros capítulos, vem há séculos sendo guiada pela visão colonizadora e, um trabalho como esse, a re-tradução de contextos e cenários próprios da cultura do tradutor, poderia ser marcado pela tentativa de modificar tal situação. Sobre este tema Bassnett e Trivedi (1999:5) esclarecem:

A relação íntima entre colonização e tradução caiu sob escrutínio; nós podemos agora perceber até que ponto as traduções foram por séculos um processo de mão única, com textos sendo traduzidos para línguas européias para consumo europeu, no lugar da tradução como um processo de troca recíproca³ [Minha tradução]

No entanto, observa-se que não é isso que *Uma Comunidade Amazônica* apresenta. Na análise do texto de Mércio Gomes, encontra-se a “fidelidade” ao autor estrangeiro e não há nenhum indício de reavaliação ou de descolonização. A sua tradução é, aparentemente, a tradução de uma obra com visão colonizadora a uma audiência colonizadora. O tradutor, tal qual Costa, faz seu trabalho de re-tradução da Amazônia sem demonstrar sentidos de sua própria cultura, mantendo a tradução de Wagley da cultura amazônica, dentro de sentidos imperialistas do autor, facilitando e perpetuando o papel do colonizador. A “fidelidade” ao texto em língua inglesa é fato observado logo no início da tra-

³*The close relationship between colonization and translation has come under scrutiny; we can now perceive the extent to which translation was for centuries a one-way process, with texts being translated into European languages for European consumption, rather than as part of a reciprocal process of exchange.* (Bassnett e Trivedi, 1999:5)

dução de Gomes do prefácio para a segunda edição de Wagley:

“Brazil has embarked upon a gigantic program for the “conquest of Amazon”. This involves the construction of over 13.500 kilometers of roads [...] It also must be said that one of the world’s most delicate ecological systems, namely, that of the Amazon rain Forest, will therefore be threatened.[...] Even old river towns, off the highways, such as Itá are feeling the impact of the Brazilian surge to finally “conquer” the Amazon. This can be judged by Darrel I. Miller’s last chapter in this book.” (In: Wagley, 1976: x)

[O Brasil está empenhado num gigantesco projeto de “conquista da Amazônia”, cujas dimensões envolvem a construção de mais de 13.500 km de estradas [...] Não podemos deixar de salientar, também, que um dos mais delicados sistemas ecológicos do mundo, a floresta pluvial amazônica, se acha agora em perigo. [...] Até mesmo as velhas cidades ribeirinhas, desligadas das rodovias, como Itá, sentem o impacto do fervor brasileiro de “conquistar” a Amazônia, como se pode apreender no trabalho de Darrel L. Miller, no capítulo final deste livro.] (In Wagley, 1977: 8)

Neste prefácio à segunda edição, observa-se a presença do discurso colonizador, construído e traduzido com os mesmos sentidos do autor. Sentidos que expõem a Amazônia sob os pontos de vista contraditórios do autor estrangeiro:

“A new society is not fabricated out of a vacuum. It must be built upon historical

antecedents. The new society which Brazil hopes create in Amazonia will be built from the knowledge which the people of that region have accumulated over centuries from aboriginal times to the present. Over these centuries the Indians and the Luso-Brazilian caboclos who followed them in time learned to coexist and to exploit Amazonian environment. They know the soils, the flora and fauna, the rise and the fall of the great rivers, the epoch of rains and of the relatively dry weather, the danger of insects and of endemic disease, and many other aspects of their milieu. And, out of this experience they fashioned their own Amazonian culture with its own social system, cuisine, forms of recreation, and mythology. This is a rich heritage which should never be ignored in the modern conquest of Amazonia. However, this traditional Amazonian culture and the social and economic system which supported it has also been a barrier to change and the formation of the new Amazonian society and culture which Brazilians hope to develop.” (In: Wagley, 1976:xi)

[Uma nova sociedade não pode nascer do nada. Deve ser construída a partir de antecedentes históricos. A nova sociedade que o Brasil pretende criar na Amazônia terá por base o conhecimento que o povo dessa região acumulou durante séculos, dos tempos aborígenes ao presente. No transcorrer dos séculos, os índios e mais tarde os caboclos luso-brasileiros aprenderam a coexistir com o meio local e a explorá-lo. Eles conhecem os solos, a flora e a fauna, a cheia e a vazante dos grandes rios, a época das chuvas e

os períodos relativamente secos, os perigos dos insetos e das doenças endêmicas, e muitos outros aspectos do seu ambiente. E a partir dessa experiência, moldaram sua cozinha, suas formas de recreação e sua mitologia. É uma herança rica que jamais deverá ser ignorada na moderna conquista da Amazônia. Contudo, essa cultura tradicional da Amazônia e o sistema sócio-econômico que a sustentou constituem uma barreira à mudança e à formação da nova sociedade e cultura amazônica que o Brasil espera desenvolver.] (In: Wagley, 1977:9)

O tradutor, embora tendo a oportunidade de elucidar pontos de vista equivocados do autor com o acréscimo de notas de rodapé à obra, não o faz. Desta maneira, aparenta não levar em conta que *Amazon Town* é uma “tradução” do Brasil pelos olhos de Charles Wagley e que envolve duas culturas diferentes, do colonizador e do colonizado. Assim, além de Gomes não esclarecer pontos de vista obscuros do autor, ele os divulga. Não parecendo importar-lhe se tais pontos de vista fazem jus ou não à cultura descrita; se carregam ou não preconceitos. Assim, sob pontos de vista do colonizador que tem a solução para problemas do colonizado, Mércio Gomes traduz Wagley:

“Furthermore, the new economy of Amazonia trends toward the continuation of extractivism but in a new form. [...] Again, Brazil runs the danger of developing an essentially extractive economy in Amazonia - a system of exploitation of the gigantic area which benefit little, or not at all, the people of the region. [...] In this preface I do not want to sound

overly pessimistic about the future of the Amazon Valley. Yet, at this time I must admit I am discouraged if not somewhat frightened. Brazil seems to be attempting to change Amazonia more with patriotic spirit than with true scientific planning." (In: Wagley, 1976: xii)

[Além do mais, a nova economia da Amazônia tende para a continuidade do extrativismo, mas sob uma nova forma. [...] Vemos, com isso, novamente, o perigo de que o Brasil desenvolva na Amazônia uma economia essencialmente extrativa - um sistema de exploração dessa área gigantesca que pouco ou nada beneficiará ao seu povo. [...] Não quero neste prefácio, dar a impressão de que esteja pessimista quanto ao futuro do vale amazônico. Porém, devo admitir, neste momento, que me sinto desanimado; de fato, até com receio. Parece-me que o Brasil está tentando mudar a Amazônia mais com espírito patriótico do que com o verdadeiro planejamento científico.] (In: Wagley, 1977:10)

Aparentemente, Mércio Pereira Gomes não vê a tradução como um processo que envolve a cultura. Em seu trabalho Gomes apresenta uma atividade de transferência lingüística e não um processo intercultural. Observa-se, portanto, que Mércio P. Gomes, na tradução dos pontos de vista de Wagley, observa o ponto de partida de Hönig e Kussmaul (1982:58), ou seja, observa a concepção de texto como o que chamam de "a parte verbalizada de uma sócio-cultura", vê o texto e sua sustentação na experiência sócio-cultural do autor, mas falha ao implantar a tradução na cultura-alvo, deixando sen-

tidos imperialistas sobrepor-se à cultura do colonizado.

Vê-se, assim, tanto no prefácio de Wagley, como no capítulo de Darrel Miller, que o tradutor faz dos sentidos dos autores, os seus sentidos, reafirmando paradoxos e contradições presentes na obra, em sua tradução da comunidade amazônica, demonstrando, deste modo, a "fidelidade" de sua tradução não à audiência a que se destina a obra, e sim ao autor estrangeiro. Como se pode observar nestes fragmentos traduzidos de Miller:

"The frenetic and booming activity of communities along the highway contrasts greatly with the slow, easy pace of life in Itá. [...] In spite of the fact that the highway has by-passed Itá, there has a doubling of the population between 1948 and 1974. [...] The hours between 5:30 and 7:00 P.M. are dangerous one pedestrians." (In Wagley, 1976:298)

[O movimento frenético e progressista das comunidades que pontilham a rede de estradas contrasta grandemente com a vida lenta e tediosa de Itá. [...] Embora Itá não esteja no caminho da transamazônica, sua população sofreu um crescimento de cem por cento entre os anos de 1948 e 1974. [...] Com efeito, o horário entre 17:30 e 19:30 tornou-se perigoso para o pedestre.] (In Wagley, 1977:287)

Contradições que persistem nas páginas do texto original e nas páginas da tradução, aceitas e divulgadas pelo tradutor a sua audiência:

"As result of such enterprising businessmen, the citizen of Itá now has access

to many of the pleasures formerly only available in large cities such as Santarém and Belém. He can buy all sorts of patent medicines at the drugstores and beer, soft drinks, and canned food items at any of the several stores. Paperback books, magazines, cosmetics, household goods, and factory-made clothing are also available, admittedly not in great variety, but nonetheless available.[...] Each day is a struggle for enough to eat even if it is only enough manioc to fill the stomach. [...] With no prospects for a new industry or job markets in Itá, the outlook for their betterment is indeed dim.” (Wagley, 1976:324)

[O resultado da existência de tais comerciantes empreendedores é que os cidadãos de Itá têm acesso, agora, a muitos prazeres, antes só acessíveis nas grandes cidades de Santarém e Belém. Podem comprar tipo de remédio na farmácia, e cerveja, refrigerantes e comida enlatada em qualquer uma das várias casas. Livros revistas, cosméticos, utilidades domésticas e roupas feitas são encontráveis, embora sem muita variedade, mas, de qualquer forma, encontráveis. [...] Cada dia representa uma árdua luta para ter o suficiente para comer, mesmo que seja só mandioca para encher o estômago.[...] Sem perspectivas de instalação de novas indústrias em Itá, sem mercado de trabalho, as esperanças de progresso são realmente turvas.] (In Wagley, 1977: 310)

Numa “confusão” de sentidos construídos na cultura imperialista e na cultura colonizada, o tradutor reforça a afirmação de Eric

Cheyfitz⁴ (1991:104): “*a tradução foi o ato central da colonização e do imperialismo...*” E reafirma as palavras de Tejaswini Niranjana⁵ (1992:2) quando vai além e sugere que a tradução atua de ambas as formas: “[...] *dentro das relações assimétricas do poder que operam sob o colonialismo*”.

Mércio Gomes, brasileiro e, supostamente, possuidor de sentidos construídos na cultura brasileira, poderia ter utilizado a reavaliação, também, para desfazer alguns equívocos do autor/tradutor que aparecem no corpo da obra. Já que, hipoteticamente, para a produção de sua tradução à segunda edição, Gomes tomou conhecimento do total da obra em questão. Exemplo de um desses equívocos pode ser claramente observado quando se volta ao engano feito pelo autor e pela tradutora Clotilde Costa ao referirem-se a variação regional do ditado popular brasileiro *Fé em Deus e pé na tábua*: “*Believe in the Virgin and run*” (Wagley, 1976:254) e “*Fé na Virgem e pé na estrada*” (Wagley, 1977: 247), já comentado anteriormente, e que ambos, autor e tradutora, confundem a expressão de incentivo com expressão de religiosidade. Confusão só possível com a não especialização de sentidos:

“There is an often repeated saying in Brazil: “Believe in the Virgin and run”; in other words, one should not rely upon faith alone.” (In Wagley, 1976:254)

[Há um ditado corrente no Brasil: “Fé na Virgem e pé na estrada”. Em outras pa-

⁴“*The central act of European colonization and imperialism in America.*” (In Eric Cheyfitz,1991:104)

⁵“*Within the asymmetrical relations of power that operate under colonialism.*” (In Tejaswini Niranjana, 1992:2)

lavras, ninguém deve confiar unicamente na fé.] (In Wagley: 1977:247)

Observa-se nesta análise, que a tradução de Mércio Gomes é uma tradução “fiel” ao autor, ou seja, fiel à fonte de pesquisa e não à audiência brasileira, seu público alvo. Ademais, por não desfazer os equívocos e contradições do autor, através de notas de rodapé, ou outros recursos, o tradutor apresenta uma tradução literal que manifesta os sentidos do autor. Desse modo, observa-se também, que Gomes não aproveita a oportunidade à reavaliação, nem para descolonizar o texto, nem para dar nova significação através da mudança de contextos apreciativos. Não permitindo o que Bakhtin (1999:135) chama de *evolução do tema*. Compreende-se, então, que, sem a evolução do tema e das significações que compõem a obra de Wagley, não houve a evolução da própria apreciação social desse tradutor no ambiente amazônico. Assim, verifica-se que a tradução desse tradutor dá continuidade à propagação de pontos de vista contraditórios e “errôneos”, construídos com sentidos imperialistas que vêm, compreendem e divulgam ao mundo a cultura do “outro” como subalterna e pronta a ser modificada:

“In the original edition of this book, Wagley compared Itá with Plainville, U.S.A., a rural farm community in the Midwest studied by James West in 1939-1940. A comparison between the two communities in 1974 would reflect an enormous gap between the social and economic changes which have occurred in Plainville in the past twenty six years and the changes which have occurred in Itá during the same period. Plainville has moved “into an urban sphere of interests,

and its people have improved their standard of living many times over” (Wagley 1964:311). Itá, on the other hand, has made little progress in the improvement of the standard of living for the vast majority of its citizenry. Itá remains a poor community by any standard.

Our experiences led us to much the same conclusion reached by Wagley in the 1964 edition of his book:

The lethargy and backwardness of Itá, and all similar communities, is a threat to the world, not just to Brazil. People cannot, continue to be illiterate, hungry, badly clothed, ill-informed, sick, and deprived of minimum facilities of a modern community without seeking in desperation for some formula to provide them with rapid change during their lifetime. Today, Itá is in communication with the outside world and open to outside influences. The people of Itá want the things they have seen or have merely heard about.” (Wagley, 1976:325)

[Na edição original deste livro, Wagley comparou Itá com Plainville, uma comunidade agrícola no meio-oeste norte-americano, estudada por James West em 1939-40. Uma comparação entre as duas comunidades em 1974 refletiria uma enorme distância entre as mudanças econômicas e sociais que ocorreram em Plainville nos últimos 26 anos, e as mudanças que ocorreram em Ita no mesmo período. Plainville entrou “numa esfera urbana de interesse e sua população teve multiplamente melhorado o padrão de vida.” Itá, por sua vez, progrediu pouco no que tange ao padrão de vida da vasta maioria de sua população. Sob

qualquer ponto de vista, Ita continua a ser uma comunidade pobre. Assim conclui Wagley sua edição de 1964 deste livro: A estagnação e o atraso em que vivem Itá e todas as comunidades semelhantes a ela são uma ameaça para o mundo, não apenas para o Brasil. O povo não pode continuar ignorante, faminto, mal vestido, mal informado, doente e privado das mínimas facilidades de uma comunidade moderna, sem que se busque com afincos a fórmula capaz de oferecer-lhe rápida mudança em sua vida. Hoje, Itá pode comunicar-se com o mundo exterior e sofrer sua influência. Seu povo vive ansioso por aquilo que viu alguma vez ou simplesmente conheceu de ouvir falar. As nossas experiências em Itá, durante três meses em 1974, levam-nos a conclusão semelhante.]

A conclusão de Darrel Miller e de Charles Wagley, na realidade, é uma repetição do discurso de posse do presidente Truman, apresentado ao leitor no primeiro capítulo de *Amazon Town* e no capítulo 3 desta pesquisa. Discurso construído e divulgado em uníssono sentido imperialista:

Mais da metade da população do mundo vive em condições que se aproximam da miséria. Sua alimentação é insuficiente. São vítimas das doenças. Sua vida econômica é primitiva e estagnada. E a sua pobreza é um empecilho e uma ameaça, não só a eles próprios, como às áreas mais prósperas. (In: Wagley, 1977: 22)

Destarte, o tradutor brasileiro lê contextos e cenários e os traduz “fiel” ao texto do autor e desse modo, apropria-se dos seus

sentidos. Como em uma amostra do fenômeno que acontece regularmente no Brasil, quando pessoas fazem seu próprio deslocamento de outras regiões à Amazônia e por terem visões diferenciadas de mundo, julgam-se possuidoras de uma cultura superior e trazem consigo pontos de vista colonizadores e preconceituosos. Gomes, aparentemente, prefere dar voz aos sentidos construídos na cultura imperialista e calar sentidos construídos na cultura brasileira.

2 Considerações finais

Através da presente análise, observou-se, na tradução de Clotilde Costa, uma tradução mais preocupada com a equivalência lingüística e sem envolvimento com a cultura descrita. Mais que isto, constata-se na tradução de Costa, conotações carregadas de preconceitos que não condizem, nem mesmo com os sentidos do autor. Dessa maneira, observou-se que mesmo com a tentativa de “fidelidade” ao texto em língua inglesa pela tradutora, não se pode dizer que houve uma “translation back”, ou seja, uma tradução da “tradução” de Wagley, pois se nota, no corpo do trabalho, uma clara demonstração dos sentidos imperialistas da tradutora que reforçam o discurso colonialista. Compreende-se, assim que esta tradutora vai além da “fidelidade” ao autor estrangeiro, sem demonstrar qualquer preocupação em atender sua audiência.

Quanto ao processo de tradução realizado por Mércio Pereira Gomes, importante objeto da pesquisa, possibilitou a observação dos seus sentidos culturalmente construídos, suas representações e inferências e a interferência desses sentidos no processo de tradução, a “fidelidade” do tradutor ao autor e não

a sua audiência, a identificação da apropriação do texto em Inglês e, ainda, a presença de sentidos colonizadores em toda a obra traduzida.

Com o resultado deste estudo, comprova-se a importância do estudo lingüístico de traduções de obras sobre a Amazônia brasileira e sobre todo o Brasil com o intuito de divulgar e esclarecer sobre os fatores culturais que interferem na construção de sentidos nas obras originais e em suas traduções e dessa forma, criar oportunidades à re-tradução, ou seja, a oportunidade à revisão e até mesmo a uma possível recuperação de conceitos, com esclarecimentos em notas de rodapé, desfazendo enganos e contradições.

3 Referências Bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas técnicas (2000). *Normas ABTN Sobre Documentação*. In: Manual de Normas de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses - Terceira Edição. Org. por Ferrarezi Jr. Para o Programa de Pós-Graduação -2003. Guajará-Mirim, RO.
- BAKHTIN, Mikhail (1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BASSNETT, Susan and TRIVEDI, Harish eds (1999). *Post Colonial Translation: Theory and Practice*. London and New York: Routledge.
- CHEYFITZ, E. (1991) *The Poetics of Imperialism: Translation and Colonization from: The Tempest to Tarzan*. New York and Oxford: Oxford University Press.
- DICTIONARY (1978). *Longman Dictionary of Contemporary English*. England.
- EVEN, I. e ZOHAR, G. Toury (1981) (eds.). *Translation Theory and Intercultural Relations* (poetics today 2/4). Tel Aviv.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa (1984). *Translatorisches Handeln.Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.
- HÖNIG, Hans G. e KUSSMAUL, Paul (1982). *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*.Tübingen: Narr.
- NIRANJANA, T. (1992). *Siting Translation: History, Post-Structuralism and the Colonial Context*. Los Angeles: University of California Press.
- SOUZA, Álvaro José(1991). *Geografia Lingüística: Dominação e Liberdade*.São Paulo: Contexto.
- THE COLLINS. Cobuild English Language Dictionary (1987). London: Collins.
- WAGLEY, Charles. (1977). *Uma Comunidade Amazônica*. Companhia Editora Nacional: São Paulo.
- WAGLEY, Charles. (1976). *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics*. New York.